

Se existiu uma antipsiquiatria e uma antipsicanálise, por que não uma antipsicologia? Diálogos com Martín-Baró

Pedro Henrique Antunes da Costa. Universidade de Brasília

Resumo

O presente trabalho trata de uma introdução à tradução ao português brasileiro do artigo Antipsiquiatria e antipsicanálise (*Antipsiquiatria y antipsicoanálisis*), de Ignacio Martín-Baró (1973/2022). São debatidos aspectos fundamentais, contextualizando-o, reiterando sua relevância e avançando no debate ao qual se propõe, a saber: a crítica e transformação do campo psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise). Ensejamos fomentar o debate sobre a crítica da psicologia numa perspectiva radical, a partir do marxismo. Não nos cabe construir uma *antipsicologia*, como a *antipsiquiatria* e a *antipsicanálise*? Uma *suprassunção* da psicologia, no sentido de afirmá-la, mas também negá-la e produzir-se enquanto negação da negação? Se para Martín-Baró (1973), para que surja uma sociedade nova, essa ciência (psicologia) tem que deixar de ser não só esta ciência, mas de ser nossa, para nós, ela deve também *deixar de ser*, deve ser superada.

Palavras-chave: psicologia; psiquiatria; psicanálise; crítica; marxismo.

Abstract

If there was an antipsychiatry and an antipsychoanalysis, why not an antipsychology? Dialogues with Martín-Baró. The present work contains an introduction to the translation into Brazilian Portuguese of the article Antipsychiatry and antipsychoanalysis (*Antipsiquiatria y antipsicoanálisis*), by Ignacio Martín-Baró (1973/2022). It discusses fundamental aspects, contextualizing it, reiterating its relevance, and advancing in the debate to which it proposes, namely: the criticism and transformation of the psych field (psychiatry, psychology, and psychoanalysis). We aim to encourage the debate on the critique of psychology in a radical perspective, from Marxism. Is it not up to us to build an antipsychology, like antipsychiatry and antipsychoanalysis? A subsumption of psychology, in the sense of affirming it, but also denying it and producing itself as a negation of negation? If for Martín-Baró (1973), for a new society to emerge, this science (psychology) must stop being not only this science, but ours, for us, it must also cease to be, it must be overcome.

Keywords: psychology; psychiatry; psychoanalysis; criticism; Marxism.

Resumen

Si hubo una antipsiquiatría y un antipsicoanálisis, ¿por qué no una antipsicología? Diálogos con Martín-Baró. El presente trabajo contiene una introducción a la traducción al Portugués Brasileño del artículo Antipsiquiatria y antipsychoanalysis, de Ignacio Martín-Baró (1973/2022). Discute aspectos fundamentales, contextualizándolo, reiterando su pertinencia y avanzando en el debate al que se propone, a saber: la crítica y transformación del campo de la psiquiatría (psiquiatría, psicología y psicoanálisis). Pretendemos fomentar el debate sobre la crítica de la psicología en una perspectiva radical, desde el marxismo. ¿No nos cabe construir una antipsicología, como la antipsiquiatría y el antipsicoanálisis? ¿Una subsunción de la psicología, en el sentido de afirmarla, pero también negarla y producirse como negación de la negación? Si para Martín-Baró (1973), para que surja una nueva sociedad, esta ciencia -la psicología- tiene que dejar de ser no solo esta ciencia, sino la nuestra, para nosotros también debe dejar de serlo, debe ser superada.

Palabras clave: psicología; psiquiatría; psicoanálisis; crítica; Marxismo.

Este trabalho, de formato não usual, introduz a tradução ao português brasileiro do artigo Antipsiquiatria e antipsicanálise, de Ignacio Martín-Baró¹. São debatidos aspectos fundamentais do referido texto, de modo a contextualizá-lo, reiterar sua relevância, bem como avançar no debate ao qual se propõe, a saber: a crítica e transformação do campo *psi* (psiquiatria, psicologia e psicanálise). O artigo foi publicado em 1973 no número 28, volume 293/294, da revista *Estudios Centroamericanos (ECA)*, da *Universidad Centroamericana José Simeón Cañas (UCA)* de El Salvador. Na UCA, Martín-Baró não só trabalhou como docente, mas ocupou diversos cargos administrativos, chegando a ser vice-reitor da instituição, tendo uma atuação militante destacada durante a ebulição e o desenvolvimento da guerra civil salvadorenha (1979-1992). Foi nela também que acabou sendo assassinado em 16 de novembro de 1989, junto de outros cinco padres jesuítas e uma trabalhadora da UCA e sua filha, por um exército paramilitar com treinamento nos Estados Unidos e íntimas ligações com o conluio oligárquico imperialista sintetizado no/pelo governo de direita da época, cujo presidente era Alfredo Cristiani.

Trata-se de um breve texto, na seção de comentários da revista, de um Martín-Baró ainda graduando em psicologia – veio a se formar em 1975 –, mas com uma já extensa bagagem intelectual e acadêmica, expressa em sua dupla formação até então: filosofia e teologia. Apesar de não ser tão conhecido no Brasil, em comparação a outras de suas produções traduzidas e publicadas no país², o artigo nos possibilita uma série de importantes reflexões que justificam a sua tradução para o português brasileiro e consequente publicação; algumas delas abordadas no presente texto introdutório, tornando-o mais acessível e conhecido para nossa psicologia.

No texto, o autor dialoga com as principais formulações críticas no campo *psi*, em especial da psiquiatria e psicanálise, a saber: a *Antipsiquiatria* e a *Antipsicanálise*. Demonstra, assim, toda sua erudição e abrangência intelectual, bem como sua apropriação eclética e heterodoxa, ao mesmo tempo que já nos aponta *germens* de alguns dos principais fundamentos de sua *práxis* – e que, portanto, serão desenvolvidos no decorrer de sua trajetória. Inclusive, acreditamos que uma série de questões apontadas no texto constituíram horizontes ao autor no desenvolvimento de um projeto ético-político à psicologia na forma da sua proposta de *Psicologia da Libertação*. Citamos, por exemplo: a necessidade de se desideologizar (e desalienar) a realidade e a própria psicologia; de se historicizar e politizar

a psicologia; da consciência (e conscientização) como horizonte da *práxis psi* (*quehacer* profissional), o que implica na consciência da psicologia acerca de si própria, dentre outros.

Contudo, o tema do texto, da antipsiquiatria e da antipsicanálise, acaba por se desdobrar na/pela análise de Martín-Baró à psicologia; algo que, como o próprio apontou, acabaria por acontecer, mas se deu não sem as contribuições *baronianas*: “uma antipsiquiatria, uma antipsicanálise e – não demorará muito, certamente – uma antipsicologia. Oposições que não se dirigem tanto à ciência em si, mas aos seus condicionamentos ideológicos”. Apesar de tal processo não ter ganho força e se desenvolvido na forma de um movimento de *antipsicologia*, isso não significa que não existiram algumas propostas nessa direção³. A nosso ver, o próprio Martín-Baró o desenvolveu na forma de sua *Psicologia da Libertação*; uma outra psicologia que, sem renunciar à psicologia enquanto ciência, implicava na transformação da mesma e seus condicionamentos ideológicos. Uma negação, mas ainda na forma de psicologia; no entanto, uma outra psicologia. Eis mais um motivo que justifica não só a tradução que se segue, mas a presente introdução, em que situamos o artigo na trajetória *baroniana*; o contextualizamos na continuidade *baroniana*; em Martín-Baró como uma totalidade – múltipla, por vezes contraditória.

Entre as inúmeras qualidades a serem ressaltadas no texto, apesar de sua brevidade, ressalto sua atualidade e a pertinência das reflexões. Em uma dinâmica social na qual ganham cada vez mais relevância e capilaridade os processos de psiquiatrização e psicologização da vida enquanto mecanismos muito bem engendrados e sofisticados de mistificação da realidade e controle da classe trabalhadora, tendo nos saberes e profissões *psi* seus principais artífices, é premente o resgate da radicalidade da crítica. Os “*anti*” da psiquiatria, da psicanálise – e, devemos nos perguntar por que não existiu na psicologia –, mais do que nunca foi necessário. Por mais que possa causar estranhamento e, dependendo da forma como é posto ou do interlocutor, encerrar o debate logo de início, tais “*antis*” no campo *psi* expressaram alguns dos movimentos mais radicais de crítica, produzindo melhorias e transformações que, se não chegaram a superar o próprio campo *psi*, ao menos o obrigou a ser melhor; os *espectros que rondaram* a psiquiatria e a psicanálise, por meio da antipsiquiatria e antipsicanálise, foram responsáveis pelo processo de que as próprias se olhassem no espelho – mesmo que a força – e se defrontassem com a sujeira do sistema na

forma da maquiagem que adornava seus rostos. Agora, ao menos o rosto estava nu.

Inclusive, o cada vez maior absolutismo do campo *psi* em nossas vidas, sobretudo da psiquiatria – e, mais recentemente, das neurociências, do cérebro – não condiz com o arrefecimento de tais movimentos, o esquecimento dos “*antis*”? Abrandamentos e inflexões, por meio de críticas mais ponderadas, “sóbrias”, não tão “extremistas” – em resumo, conciliatórias – que se põem a mudar tudo, menos o todo? Ou a mudar tudo desde que dentro da ordem?

O próprio sentido do “*anti*” não só é desvirtuado neste processo junto de quem o reivindica, sendo também apresentado de maneira invertida. O “*anti*” como “*anti*” razão, ciência, supostamente engrossando o coro do negacionismo e irracionalismo. Mais, o “*anti*” como manutenção da ordem, afinal o objeto (de superação) do “*anti*” é o que nos salvará; vejamos bem, uma salvação por outrem, não por nós mesmos; e uma salvação por outrem, pois de um indivíduo cada vez mais alienado e estranhado de si, que só pode se confrontar consigo mesmo, se fazer – ainda mais alienado – apenas por meio da psicologia, da psiquiatria, da psicanálise.

Nesse sentido, gostaríamos de mencionar um exemplo marcante de *antipsicologia* existente na realidade brasileira, por mais que não tenha se denominado de tal forma. Trata-se das reflexões de Oswaldo Yamamoto (1987) em sua obra *A crise e as alternativas da psicologia*⁴. Em comparação com a de Martín-Baró, temos uma proposta mais radical e de negação da psicologia – não só de seus condicionamentos ideológicos, mas *da psicologia* como um todo, enquanto ciência parcelar, burguesa e profissão subordinada ao Capital. Um movimento “de se dar o passo derradeiro no sentido não de *refazer*, mas de, enquanto questão política, *negar a Psicologia*” (p. 80, grifos do autor)

Alguns elementos da análise de Martín-Baró podem – e, a meu ver, devem – ser questionados. Primeiramente, a sua concepção de “doença mental” (*enfermedad mental*) ao que historicamente denominou-se de loucura e os seus sentidos contemporâneos na forma do sofrimento psíquico. Debruçando-nos a alguns dos próprios autores com os quais Martín-Baró dialoga, sobretudo, Thomas Szasz⁵ e David Cooper⁶, observaremos suas respectivas críticas ao conceito de “doença mental” enquanto mitologia e mistificação da realidade, descaracterizando o próprio fenômeno que, supostamente, sintetiza e deveria expressar idealmente e cumprindo funcionalidades de reprodução da ordem social. Ademais,

se “[n]ão se trata de lutar contra a psiquiatria enquanto ciência da doença [*enfermedad*] psíquica; se luta contra uma concepção de doença [*enfermedad*] psíquica demasiadamente condicionada por uma ideologia e um tipo de sociedade”, o que fazer se esta ciência se edifica a partir dessa concepção? Se a forja e nela/por ela se sustenta? Conforme Marx (2011, p. 57) se “[a]s categorias são ‘formas de ser, determinações da existência’”⁷ a concepção de “doença mental” (ou “psíquica”) seria a expressão ideal do movimento do real ou uma concepção mistificadora? Logo, a ciência que por ela se arvora também não seria igualmente mistificador? Não há a necessidade de superarmos a concepção e a ciência como um todo, por mais que possam ter uma relativa autonomia entre si? Não só pensamos que sim, como entendemos que há uma limitação neste ponto da análise de Martín-Baró, e que se refere, justamente, à sua noção do “*anti*”.

Pensamos que tal explicação encontra-se na própria análise *baroniana*, só que de maneira implícita, irrefletida. Assim, não menos interessante é a pergunta que ele faz à psicologia (e se faz, portanto) e que, inclusive, aparece negritada, indicando ser uma indagação fundamental em suas reflexões: “*é possível efetuar uma inversão análoga à efetuada por Marx com a crítica da economia política?*” O que pode ser problematizado na apreensão *baroniana* do método em Marx, é que este produziu uma *crítica* da economia política como *suprasunção* dela. Suprasunção no sentido hegeliano de *afirmação, negação e negação da negação* ou *incorporação/manutenção, negação e superação* (*Aufhebung*). Não se tratava, pois, de uma *economia política marxista*. Por mais que incorporasse alguns dos elementos da economia política clássica, o fazia elevando-os a uma nova condição, em um novo estado, adquirindo uma nova qualidade. Assim, superava o objeto de crítica e, também por negá-la, era a sua negação. Da mesma forma, por ser a crítica à economia política, era movimento, processual, uma relação permanente que se move não apenas com o movimento do objeto criticado, mas da própria realidade ao qual se debruça e visa dissecar para transformar. Este é o sentido do “*anti*”, que carece de ser explicado, divulgado, reivindicado.

Nesse sentido, ao menos em nossa análise, não seria possível construir um *Psicologia Marxista*, o que não significa que a teoria social marxiana, o método em Marx, bem como toda a tradição marxista não teriam uma série de subsídios à psicologia. O próprio movimento de Marx deve nos orientar fundamentalmente em dois pontos.

O primeiro é o de que *a crítica à psicologia* não pode ser institucionalizada ou encapsulada na forma de uma *psicologia crítica*, mais uma das ramificações ou subdivisões da psicologia, mas é um movimento permanente de crítica, uma relação crítica, questionadora com a psicologia, seja por dentro ou por fora da própria psicologia. A institucionalização da crítica na forma de uma *psicologia crítica*, “uma psicologia a mais entre outras” (Pavón-Cuellar, 2019, p. 28, tradução nossa)⁸ é, na verdade, o triunfo da psicologia sobre a crítica.

Aliado a isso, temos o segundo ponto que pode, inclusive, ser robustecido a partir do diálogo com as reflexões de Martín-Baró, sendo sistematizado na seguinte pergunta (retórica): não nos cabe construir uma *antipsicologia*? Uma *suprassunção* da psicologia, no sentido de afirmá-la, mas também negá-la e produzir-se enquanto negação da negação? Uma negação que não significa desconsideração da mesma de antemão, mas como processo e ponto de chegada, como horizonte; não como forma de rifá-la a priori, mas de transformá-la, num processo que se dá internamente a ela – por meio das transformações efetuadas por nós psicólogos(as) –, mas que não se dissocia das transformações “de fora”, “por fora” e como elas “adentram” na psicologia; até mesmo porque o “externo” se manifesta na/pela psicologia e por ela é conformado, não havendo tal dicotomia; ele é a

psicologia e a psicologia é ele. “[D]esalienar uma ciência e uma profissão que, por definição, se ocupam da alienação humana” significa superar uma condição que aliena e requer uma ciência sobre tal ser alienado e que o tem enquanto universal, alienando-o.

Conforme o próprio conclui: “O ponto é que talvez não sejam os indivíduos os que necessitam de tratamento, mas a sociedade. E o tratamento da sociedade se chama revolução”. E como a psicologia pode contribuir para tal tratamento da sociedade, ao passo que a revolução também constitui o tratamento da psicologia. Conforme Martín-Baró (1986/2011, p. 196) disse em *Para uma Psicologia da Libertação*, 13 anos depois do artigo que aqui traduzimos e nos debruçamos: “uma Psicologia da Libertação requer uma libertação prévia da Psicologia”⁹.

Tudo isso, em hipótese alguma, significa um movimento de diminuir a importância de Martín-Baró para a psicologia, em especial, à psicologia latino-americana. Num último ato, enquanto movimento síntese dialética do diálogo que aqui propomos com ele, e numa suprassunção do próprio, na qual o afirmamos, mas também o negamos e negamos tal negação na forma de uma superação, o reproduzimos: “para que surja uma sociedade nova, essa ciência, talvez, tenha que deixar de ser não apenas **esta** ciência, mas deixar de ser **nossa**”; e acrescentamos: e *deixar de ser*, ser superada.

¹ A tradução inédita do artigo Antipsiquiatria y antipsicoanálisis, de Ignacio Martín-Baró, foi realizada por Pedro Henrique Antunes da Costa e está publicada na revista Estudos de Psicologia (Natal), 27(3), 2022.

² Cabe aqui ressaltar o primeiro artigo de Martín-Baró traduzido e publicado no país, O papel do psicólogo (El papel del psicólogo en el contexto centroamericano), na revista Estudos de Psicologia de Natal (vol. 2, n. 1, pp. 7-27), em 1996, com tradução de Yayá M. de Andrade e revisão de Oswaldo H. Yamamoto e José Q. Pinheiro. Ainda sobre a divulgação de Martín-Baró no país, fazemos menção aos esforços de Raquel Guzzo e, sobretudo, de Fernando Lacerda Júnior, responsável pela tradução e publicação no país da maioria das produções baronianas, como o livro Crítica e Libertação na Psicologia: estudos psicossociais (Editora Vozes, 2017), que contém 14 textos de Martín-Baró até então inéditos no Brasil.

³ Por exemplo, citamos o livro “Antipsicologia: a práxis de uma ideologia alternativa”, de Wilson Coutinho Júnior, publicado em 1984.

⁴ Yamamoto, O. H. (1987). *A crise e as alternativas da psicologia*. São Paulo: Edicon.

⁵ Ver, por exemplo: Szasz, T. S. (1974). *O mito da doença mental*. São Paulo: Círculo do Livro.

⁶ Ver a análise sobre a esquizofrenia em: Cooper, D. (1989). *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva.

⁷ Marx, K. (2011). *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo.

⁸ Pavón-Cuellar, D. (2019). Psicología crítica y lucha social: pasado, presente, futuro. *Poiésis*, 37, 19-34.

⁹ Martín-Baró, I. Para uma psicologia da libertação. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Júnior (Orgs.), *Psicologia social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação* (pp. 101-120). Campinas: Alínea. (Trabalho original publicado em 1986)

Pedro Henrique Antunes da Costa, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), é Professor da Universidade de Brasília (UnB). Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro ICC Sul, Brasília - DF, CEP 70.910-900. Email: phantunes.costa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2404-8888>

Recebido em 07.mar.2022

Aceito em 24.dez.2022